



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Estudos da metapsicologia do ódio

Denise Lira Bertoche

Orcid: [0000-0001-6918-6075](https://orcid.org/0000-0001-6918-6075)

Psicóloga e psicanalista

Especialista em Psicanálise e Saúde Mental pelo SEPAI (Rio de Janeiro, Brasil)

Mestra em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida / UVA (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: deniselirabertoche@gmail.com

Resumo: O artigo examina o ódio adotando como posição teórica a proposta freudiana dos estudos metapsicológicos, pois entende que o seu conjunto conceitual não só enriquece, mas também pode alargar a compreensão e a relevância desse afeto primordial. A pesquisa se insere em um tema árido, ainda não suficientemente pormenorizado, nem tão interpelado quanto o amor. Ela propõe examinar o ódio em seu aspecto estruturante e, mais particularmente, aborda-o como agenciador do processo secundário, uma vez que participa das ações que promovem a posição do sujeito e seu destino psíquico diante da vida. Para tanto, contempla-se a magistral proposta metapsicológica desde os escritos pioneiros do mestre de Viena até a sua formalização, ocorrida entre 1914 e 1915. Por fim, coloca-se em destaque o texto *A negação*, escrito no bojo da chamada segunda tópica, onde Freud demonstrou que o comparecimento do ódio se situa nas respostas que o sujeito utiliza para se estabelecer no mundo, a custo de sua própria singularidade.

Palavras-chave: Ódio; Metapsicologia; Constituição psíquica; Psicanálise.

Études sur la métapsychologie de la haine: L'article examine la haine en adoptant comme position théorique la proposition freudienne des études métapsychologiques, car on comprend que son ensemble conceptuel non seulement enrichit, mais peut également élargir la compréhension et la pertinence de cet affect primordial. La recherche s'insère dans un thème aride, encore insuffisamment détaillé, beaucoup moins visité que l'amour. Elle propose d'examiner la haine dans son aspect structurant et, plus particulièrement, l'aborde comme un agent du processus secondaire, puisqu'elle participe aux actions qui mettent en avant la position du sujet et son destin psychique face à la vie. Dans ce but, la magistrale proposition métapsychologique est envisagée depuis les écrits pionniers du maître de Vienne jusqu'à sa formalisation, survenue entre 1914 et 1915. Enfin, le texte *La négation*, écrit dans le cadre de ladite seconde topique, gagne de l'importance, où Freud a démontré que la présence de la haine se situe dans les réponses que le sujet utilisera pour se positionner dans le monde, au prix de sa propre singularité.

Mots clés: Haine; Métapsychologie; Constitution psychique; Psychoanalyse.

Studies on the metapsychology of hate: The article examines hatred by adopting the Freudian proposal of metapsychological studies as its theoretical position, understanding that this conceptual framework not only enriches but can also broaden the understanding and relevance of this primordial affect. The research delves into an arid theme, one that has not yet been sufficiently detailed nor as widely explored as love. It aims to examine hatred in its structuring aspect and, more specifically, addresses it as a driving force of the secondary process, as it participates in the actions that promote the subject's position and its psychic destiny in life. To this end, Freud's metapsychological proposition is considered, from the master's pioneering writings to its formalization, which occurred between 1914 and 1915. Finally, the text *Negation*, written within the context of the so-called second topography, is highlighted, where Freud demonstrated that the presence of hatred is situated in the responses that the subject uses to establish itself in the world, at the cost of its own singularity.

Keywords: Hatred; Metapsychology; Psychic constitution; Psychoanalysis.

Estudos da metapsicologia do ódio

Denise Lira Bertoche

Introdução

Para uma introdução do estudo metapsicológico do ódio, deve-se partir dos escritos que inauguraram o pensamento pré-psicanalítico, como o *Projeto para uma psicologia científica*. Ainda que Freud (1950[1895]/1996) tenha se recusado a publicá-lo, o *Projeto* continua a fornecer a base para a abordagem psicanalítica e para a compreensão metapsicológica da constituição psíquica e, por isso mesmo, para uma metapsicologia do ódio, uma vez que os dois se encontram intimamente ligados. O que Freud desenvolveu neste trabalho sobre os dois modos de funcionamento psíquico — os processos primário e secundário — foi mantido mesmo após a reformulação da sua teoria pulsional em 1920 e nas propostas de 1923 e 1925, *O Eu e o Isso* e *A negação*. Nestes trabalhos tardios, pode-se ver esses dois aspectos da vida anímica articulados à noção de supereu, Eu e inconsciente, todos relativos à constituição do Eu e do objeto.

Desde suas cartas endereçadas a Fliess, quando formulou o *Projeto*, Freud (1950[1895]/1996) destacou o processo primário como o modo de funcionamento que dá início a vida psíquica com a produção do juízo de atribuição. Sua afirmação inicial é a de que a atividade perceptual do bebê se reduz aos termos quantitativos dos níveis de excitações experimentados com desprazer e/ou prazer. Será a partir dessas experiências, que são fundamentalmente pulsionais, que a psique poderá dar início às suas produções com as representações (*Vorstellungen*). Embora o transcurso primário remonte a operações psíquicas de um estado ainda muito arcaico, neste início da vida anímica o vivente interpreta o que experimenta transformando os níveis quantitativos em qualidades psíquicas. A experiência de desprazer será representada no aparelho de memória como aquilo que é mau enquanto o prazer é representado como algo bom, instalando-se dessa forma na vida psíquica, respectivamente, o odiar e o amar.

A hipótese adotada por Freud sobre o aparelho psíquico assinala que o aspecto primário é regido exclusivamente pelo princípio do prazer, exercendo repetitivamente a sua produção inaugural, a alucinação. Reside nesse processamento a oscilação ambivalente entre o odiar e o amar mantendo a sua produção através da livre distribuição de energia entre os neurônios, realizada de forma direta e imediata, isto é, sem inibição, pois o juízo de atribuição não leva em conta se o que é produzido na psique condiz ou não com o que acontece no mundo externo. A atividade primária consistiria no estabelecimento do ódio e do amor como afeto das representações (*Vorstellungen*) da experiência pulsional, cuja ação mantém copiosamente a expulsão da dor e do desprazer e a introjeção do prazer (Rudge, 1998).

Já a produção do secundário estende-se para uma nova proposição realizada também pela via do ódio e do amor, a saber: a negação e a afirmação do juízo de existência (Freud, 1925/2011b), pois requer uma inibição da descarga de energia entre os neurônios, na qual a vida psíquica poderá alcançar — ou não — um passo mais requintado com o consentimento do princípio de realidade. No

que diz respeito ao cumprimento e atravessamento dessas operações, para a psicanálise, o sujeito não nasce naturalmente e se desenvolve; ele se constitui a partir de um exercício singular, que nada tem de passivo, capaz de requintar as produções psíquicas para as trilhas de seu destino.

Nestes termos, a metapsicologia, como Freud mesmo se referiu em 1915/2010b, apresenta-se como um dos campos mais obscuros da teoria psicanalítica, mas também oferece um meio de compreensão do funcionamento psíquico (articulado sob os pontos de vistas dinâmico, econômico e topográfico). Esta abordagem destaca a relevância do desprazer e do prazer na constituição psíquica, o que leva à produção do ódio e do amor seja no processo primário bem como na estruturação do secundário, como veremos.

O ódio na metapsicologia freudiana

Traçando uma demarcação teórica da metapsicologia, Freud (1950[1895]/1996, 1920/2021) articulou que a instauração do aparelho psíquico se dá com as ligações estabelecidas entre os neurônios já no processo primário. Posto que “anteriormente a ela não podemos falar em nada que se assemelhe a um aparelho” (Garcia-Roza, 1986, p. 58), desde a instauração psíquica mais arcaica já se manifesta a singularidade da preferência de um caminho, deixando traços extraordinariamente importantes para as posteriores ligações no aparelho mnêmico. Sem a eleição de um caminho não haveria percurso possível, uma vez que, inicialmente, a psique se porta de forma passiva em relação ao mundo externo, mas ativamente frente aos estímulos que experimenta na própria carne (Freud, 1915/2010b).

Ao dar início a esses trilhamentos, o Eu já está inscrevendo suas primeiras produções, ainda que a alucinação ignore o fora de si, efetuando “originalmente uma oposição entre introjeção e expulsão” (Rudge, 1998, p. 46). Ela já inaugura uma atividade movida pela exigência pulsional, não alheia ao Eu, mas “a qual não é outra coisa senão um conjunto de sensações” (Aulagnier, 1975/1979, p. 48), produzindo a ação de tomar para si/rejeitar (Mijolla, 2005, p. 1388) concernente à atuação não apenas psíquica, mas sobretudo corpórea, do ódio e do amor. Este ponto focal de interesse reside em uma consideração freudiana de 1923/2011a, que articulou um Eu não puramente psíquico, mas também corporal, no qual o “visto, o escutado, o degustado” (Aulagnier, 1975/1979, p. 48) são percebidos inicialmente pela psique ou como prazer ou como fonte de desprazer, tendo o corpo como suporte e fonte de informação.

Refratária desse cenário em que as ligações veiculam não apenas a energia entre os neurônios, mas as qualidades sensoriais, nos termos primários, a memória (neurônios impermeáveis) não passa de uma reprodução das experiências pulsionais cujo corolário nas representações será o ódio e o amor, sem ainda levar em conta o princípio da realidade.

Contudo, Freud afirmou em 1900/2001 que nada senão o desejo poderá colocar o aparelho psíquico em ação; será do encontro com a falta que a historicização topográfica irá anunciar a singularidade de um Eu. Isto irá inserir em sua constituição os termos dinâmicos e econômicos do

funcionamento mnêmico, visto que toda a aquisição da memória está atrelada à capacidade de condução de energia entre as ligações sublinhando, desde essas supostas ações inerentes à constituição, "dois suportes desejantes" (Aulagnier, 1975/1979, p. 99): o ódio e o amor.

Na medida em que na articulação primária ainda não se opera nenhum investimento capaz de efetuar uma diferenciação entre o corpo e o mundo externo, para a psique representar alguma diferenciação de si e do mundo será necessária uma construção para "a sede de novas sensações e mudanças de inervação" (Freud, 1905/2016, p. 68). Nos *Três ensaios*, Freud (1905/2016) sublinhou que a experiência pulsional poderá ser cartografada na psique imprimindo certos locais, regiões no corpo, que só adquirem relevância para se tornarem erógenas quando circunscritas as variações experimentadas de dor e prazer. Uma vez que a diferenciação dessas zonas não está dada desde o início, o ódio e o amor serão determinantes para o critério de algum discernimento da própria carne, serão esses afetos a agenciar o ponto de alguma inscrição. Enquanto o ódio propicia a produção de uma diferença, algo da ordem do encontro com a falta, o amor assegura as semelhanças.

Resultante da dor e do desprazer, o ódio é um dos afetos mais inescapáveis e exigirá do vivente alguma representação como resposta para lidar com o aumento de tensão, suscitando o aspecto criacionista como saída. Por esse postulado de que o corpo, assim como todos os objetos do mundo, requer representação para poder existir no espaço psíquico, evidencia-se uma tendência do aparelho psíquico: a de que será exigida uma produção para contornar as excitações. Para isso, a psique poderá traduzir, a seu modo, os caminhos que marcam, que registram as condições necessárias para um encontro com os contornos, mas também com os limites de si e do mundo. Enquanto o amor articula a tendência para a união, a conservação de um status que celebre a condição de apaziguamento, será o ódio que viabilizará alguma diferenciação, uma vez que ele atua como defesa contra aquilo que não se pode incorporar, homogeneizar ou tomar para si. Ele está, portanto, no cerne das ações da constituição do dentro e o fora, do mundo interno e externo, fornecendo o ensejo para o estabelecimento dos "protótipos do secundário" (Aulagnier, 1975/1979, p. 74).

Observa-se em Freud que, para cada alteração "na erogeneidade dos órgãos poderia haver uma alteração paralela no investimento libidinal do Eu" (Freud, 1914/2010a, p. 28). Em outras palavras, o empréstimo sensorial concedido à psique nunca é gratuito, "é esta autoapresentação da psique a fonte inaugural de ódio" (Aulagnier, 1975/19179, p. 55). Pois compelida a representar, a finalidade perseguida é ter como garantia uma recompensa de prazer; sem essas condições que requerem investimento para que o vivente possa representar, para que o corpo ascenda como uma unidade futura, encerrar-se-ia a atividade vital (Aulagnier, 1975/1979).

Tais considerações permitem a apuração da ação do ódio em seu aspecto de criação, a serviço da autopreservação na metapsicologia freudiana. Isso não sem antes se deduzir que, sem o ódio e o amor não haveria a possibilidade de circunscrever a experiência corporal do Eu. Dito isso, interessa-nos percorrer as respostas que o Eu irá instituir contando com os inescusáveis destinos das

pulsões em que se expressam as dimensões do ódio e do amor. Será necessário um passo requintado da atuação subjetiva para que se possam inaugurar novos trilhamentos e realizar os intercâmbios que o princípio de realidade requer para que se torne possível a sua cogitação.

Nas produções do Eu, o ódio

A organização arcaica que a psique promoveu no processo primário com a alucinação diz de uma operação que já é capaz de interferir, regular e distribuir certas quantidades de energia nas facilitações entre as barreiras de contato. Os grupos de neurônios que permanecem constantemente catexizados e facilitados fazem parte do domínio chamado “Eu de prazer”, ainda indiferenciado do mundo (Freud, 1915/2010b). Contudo, o advento do Eu (Freud, 1950[1895]/1996) se aplica ao modo de funcionamento secundário, que estará propenso ao recalçamento originário.

Como os estímulos endógenos influem de maneira contínua — consistindo seu impulso em uma força constante que leva o prazer como princípio —, para que o Eu alcance a performance secundária e possa se estabelecer como uma unidade destacada dos objetos do mundo externo será necessária, segundo Freud, uma inibição que “representa [...] uma vantagem decisiva para o sistema de neurônios impermeáveis” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 376), isto é, os neurônios perceptivos. O desenvolvimento dessas ações pode levar à produção de novos trilhamentos mnêmicos, para além da alucinação. Nesse processo, faz-se necessário um desvio de investimento psíquico que pode retrair o desejo de se satisfazer. Isto resulta em uma inibição na passagem de energia entre os neurônios, já que anteriormente essa energia vinha sendo empregada de forma livre e direta com a alucinação.

Uma vez que o Eu, enquanto unidade, não está dado de antemão, não havendo antítese, muito menos o objeto na vida psíquica que se inicia, a condição para o surgimento de alguma distinção se articula em torno de uma criação relacional “que possibilita um critério de diferenciação entre a percepção e a lembrança” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 378) atrelada à decepção de uma expectativa (de complementaridade para obturar a falta) não concretizada.

Ao formalizar a metapsicologia em 1915/2010b, com a atenção centrada no valor separador do ódio, Freud retirou-o da gênese psíquica como mero destino pulsional. Ele o posicionou como agenciador da formação do Eu e incluiu sua ação como resposta constitutiva, pois compreendeu que não seria a pulsão a odiar ou amar o objeto, mas sim o Eu. Isso exigiu que Freud introduzisse “a formação do Eu e sua diferenciação do objeto na equação” (Simanke, 2019, p. 130), processo que poderá ser incluído no modo de funcionamento do secundário se o Eu superar o regimento do Eu de prazer para reconhecer a alteridade. Isso se dará de acordo com as saídas de que o sujeito poderá fazer uso pela via simbólica na assunção do juízo de existência, o que “permite o nascimento do pensamento” (Rudge, 1998, p. 46), como tão bem observado por Lacan (1954/1998) e na fascinante exposição de Hyppolite (1998).

Será em *A negação* (Freud, 1925/2011b) que o amor e o ódio serão novamente circunscritos pelo pai da psicanálise como correlatos dos mecanismos psíquicos relativos ao acontecimento do

processo secundário, uma vez que, para instituir-se, o Eu terá de requintar suas produções dispondo de mecanismos que são imprescindíveis para fazer existir a si e ao mundo. Embora Freud não tenha elaborado uma teoria sobre o sujeito, esse fundamento conceitual pode ser presumido no trabalho de 1914/2010a sobre o narcisismo, bem como na teoria das pulsões, de 1915/2010b, em que Freud descreveu detalhadamente uma unidade comparável ao Eu “como uma função a preencher” (Mijolla, 2005). “Tem que ser desenvolvido” (Garcia-Roza, 1995, p. 42) para alcançar a possibilidade de inclinar seus investimentos pulsionais em direção ao mundo, experimentado primordialmente de forma indiferenciada. Ele compreendeu inclusive que a impossibilidade desse desvio está relacionada a alguns estados de adoecimento.

Freud (1950[1895]/1996, 1923/2011a) desenvolveu a tese de que cabe ao Eu a tarefa de mediação entre o mundo interno e o mundo externo, assim como a busca de maneiras para lidar com as exigências pulsionais e o discernimento entre a lembrança e a percepção. No que se refere a essa noção, importante destacar que, ao longo da obra de Freud, o Eu passou por várias reformulações. Um ponto marcante dessas transformações é o momento em que essa instância deixa de ser vista apenas como um lugar de defesa, algo especialmente característico entre 1894-1908. Posteriormente, Freud ampliou essa concepção, assinalando o Eu não apenas como uma “organização neuronal interna” (Garcia-Roza, 1991/2017, p. 153), mas também como predominante em seu aspecto corporal, a partir de 1923. Nessa fase, o Eu passa a ser considerado, inclusive, um objeto de investimento pulsional, conforme indicado nas elaborações de 1911 a 1914. Vale destacar que o amor e o ódio são formas de investimento tanto de si quanto do mundo.

Levando em conta as particularidades do funcionamento estrutural do inconsciente, na concepção freudiana o Eu se consolidará no levantamento (ou não) do recalque originário, sancionando o processo secundário ao lançar mão dos mecanismos psíquicos da afirmação e da negação como inscrições fundantes da falta, diante da urgência da vida (Freud, 1915/2010b).

O ódio institui(dor)

A essa altura já está claro que o ódio e o amor surgem como condição inerente na instituição dos traços mnêmicos em que o Eu, embora muito rudimentar, atua para distribuir ou não as passagens desse fluxo agenciadas pelo circuito representacional do desejo. Contrariamente a algumas concepções científicas da psicologia que entendem o funcionamento psíquico como orientado para o desenvolvimento da cognição, percepção e atenção, Freud (1950[1895]/1996) considerou que o ponto de partida da atividade anímica se dá com o desejo, que atua como força na produção da alucinação. As vias neurais da memória que se estabeleceram e se mantiveram catexizadas no processo primário consistiram sua atividade por livre escoamento nas direções mais facilitadas.

Ainda que a cada acionamento de uma diferença na produção da memória o caminho a ser seguido através das ligações derive das vias já percorridas, as exigências da vida darão a oportunidade para a criação de novos trajetos, para respostas inéditas, e não somente para a

repetição da indiferenciação original. Sobre as experimentações da relação com o mundo, Freud observou que as repetições da experiência de satisfação carregam estados de anseios, de desejo e expectativas, estados que contêm em si “a justificativa biológica de todo pensamento” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 416).

O estado de expectativa, segundo Freud, é um “exemplo de segundo tipo de pensamento”, pois “nele se retém uma catexia de desejo” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 431). Caso o vivente experimente frustração com a expectativa, o investimento que já vem sendo empregado com a alucinação poderá se modificar, ficando a critério do Eu o seu retraimento para a mudança das passagens e associações subsequentes.

A frustração com a alucinação é uma indubitável causa para um rearranjo nas produções da memória, bem como na criação de um novo processo. Freud (1950[1895]/1996) marcou que os elementos da vida psíquica são produzidos para dar evasão às tensões desprazerosas — uma vez que estas últimas surgem como uma ameaça ao próprio organismo —, não sem antes assinalar o aspecto imponente que o desprazer e a dor manifestam nas vias de condução, atingindo-as como descarga incoercível, contra cuja potência nenhuma barreira de contato teria força suficiente para resistir.

Se no processo primário “a psique não pode agir ou perceber um acontecimento sem representá-lo como causa de desejo” (Aulagnier, 1975/1979, p. 81), desejo de manter-se satisfeito, será através das representações (*Vorstellungen*) que se tornará possível a fabricação de contornos que diferenciem o dentro e do fora através das ações psíquicas da expulsão (*Ausstossung*) e introjeção (*Vereinigung*), relativos à capacidade de odiar e amar respectivamente. Isso viabiliza que o Eu possa encontrar meios para conhecer o próprio envelope carnal, pois enquanto as quantidades expressam um conflito, as qualidades manifestam a topografia da própria constituição (Anzieu, 1989/2000).

A “cada vez que o corpo e o mundo se revelam causa de sofrimento, assistir-se-á a uma relação de ódio” (Aulagnier, 1975/1979, p. 66). Por meio desses subsídios metapsicológicos, pode-se apreciar que, para Freud, sem o ódio não haveria a possibilidade de constituir o amor, muito menos existir. Essa abordagem acentua sua faceta criacionista. É o ódio que cria as condições pelas quais o prazer pode ser instaurado e distinguido da dor, e não o amor. Se o ódio participa do desejar, o amor afigura “como desejo de um prazer de ser” (Aulagnier, 1975/1979, p. 66), vias para o advento do sujeito e para a produção, pelo Eu, do discernimento de alguma variação entre dentro/fora, mundo interno/mundo externo, Eu/não-Eu.

No que se refere às ambivalências experimentadas com a diferença que o mundo externo impõe, Freud foi didático ao exemplificar que a atividade do juízo de existência, além de não estar instalada primariamente, será produzida com a elaboração psíquica da existência do mundo/objeto, pressupondo catexias em “porções [da percepção] díspares” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 384). Uma vez que o objeto, ou *das Ding*, não é a rigor passível de uma representação psíquica, ele pode vir a ser representado a partir de dois elementos:

dos quais um produz uma impressão por sua estrutura constante e permanece unido como uma coisa, enquanto o outro pode ser compreendido por meio da atividade de memória — isto é, pode ser rastreado até as informações sobre o próprio corpo. (Freud, 1950[1895]/1996, p. 384)

Ao refinar sua compreensão sobre a identidade de pensamento como produto do processo secundário, Freud analisou, pela dimensão biológica, os fundamentos dos processos psíquicos como uma força de criação produzida a partir da experimentação do mundo. Para que possa ser forjado, esse processo deve ser tecido de forma “relativamente frouxa” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 384), pois é fruto da experimentação. Desse modo, a preciosidade dessa afirmação se revela no fato de que as experiências relativas ao encontro com o dessemelhante carregarão traços que exprimem a ambivalência que o sujeito experimenta com o objeto, tanto como fonte de uma “única força auxiliar” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 383), quanto da experiência hostil e da vivência satisfatória, o que sublinha sua própria condição de insuficiência e desamparo.

Nota-se que o desprazer se apresenta como excesso e que as pulsões irão impelir para que um trabalho seja feito a fim de afastar os altos níveis de quantidades de energia e o incômodo que isso representa. No que diz respeito ao refinamento desses processos constitutivos, Freud (1923/2011a) acentuou que, díspar ao prazer, o desprazer ocupa uma posição premente para o acionamento das vias alternativas, e articulou o campo do princípio de realidade como “vertente externa da frustração” (Kaufmann, 1993/1996, p. 445).

Refratária das experiências de dor/incômodo, a primazia do ódio opera uma posição organizadora e, por isso, especial nas ações que o Eu poderá alcançar para duvidar da alucinação, produzindo uma diferença entre o que vinha sendo feito e voltando a atenção para a “percepção recém-chegada” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 416), para dar origem ao processo do pensamento, ao mundo das ideias. Residindo num exercício psíquico refinado, “fonte de dispêndio que a catexia colateral inibidora exige” (Freud, 1950[1895]/1996, pp. 376), o investimento crucial que compete ao Eu consiste na produção de uma resposta perante as exigências da vida. Diante disso, torna-se necessário renunciar à reprodução imutável para investir seu interesse em direção ao mundo, efetuando a busca pela posse de informações, mesmo que o ponto de partida já esteja delineado pelas produções primevas

Eu/não Eu

A entrada em jogo do secundário aborda a questão relacional de que o estado de expectativa implica em um estado de tensão, o que pode provocar a decepção com a lembrança evocada. Nesse início de produção dos objetos na atividade anímica, as experiências do ódio e amor poderão deixar de ser atribuídas às contingências, cabendo ao Eu duvidar ou não das produções permanentes para encontrar outras mutáveis, inibindo a produção alucinatória para uma forma mais atenuada do

primário, sem, no entanto, eliminá-lo, o que lhe permitirá contemplar o objeto alucinado como não real (Freud, 1950[1895]/1996).

Enquanto o processo primário visa ao reconhecimento e à imutabilidade do estado de prazer, o surgimento do processo secundário requer um campo em que será necessário inibir, duvidar, para conhecer. Suas tramas e circuitos já estabelecidos pelo desejo também participarão, já que existe um caminho em andamento “psiquicamente utilizável” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 417).

A elaboração freudiana em torno da experiência anímica se debruça sobre a questão do estabelecimento do desejo como tendo seu núcleo numa base sempre conflitiva do desamparo, lembrando que os caminhos das facilitações, além de mútuas, se manifestam ambivalentes e antagônicas. Em Freud (1950[1895]/1996), o processo constitutivo, *a priori*, nunca esteve organizado, ausente de conflito, assim como não há desejo que instaure os caminhos efetivos em direção à satisfação, visto que a completude é irrealizável. Desde a matriz mais arcaica das experiências contém-se a gênese desertificada de objetos, em que reside apenas a ambivalência do odiar e do amar.

A despeito do desfecho da indiferenciação do Eu/não Eu, vale assinalar que Freud valorizou o elo e a independência entre o afeto e o pensamento; dando continuidade a essa reflexão, disse que a memória se constitui com as representações “de todas as influências” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 420) que vivenciou com as contingências do mundo. Os primeiros delineamentos dos registros secundários serão inscritos quando as produções anímicas passarem a atribuir o próprio incômodo ao forasteiro. “Afim de contas, as próprias indicações de qualidades” eram apenas “informações da descarga” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 419).

Enquanto a catexia da representação + desejo se mantém fixa no estágio Eu de prazer, a “catexia da percepção precisa ser descoberta” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 432). Para a contemplação de tal descoberta, participa um mecanismo relativo ao ódio e ainda contemplador do aspecto primário — a expulsão (*Ausstossung*), que conota o arremessamento para fora o que lhe é desprazeroso. Para a autora Ana Maria Rudge (1998), a *Ausstossung* propicia uma abertura, marca o início da constituição do sujeito, pois a ação realizada com a expulsão tem relação direta com a defesa primária ou a repulsa já contida no *Projeto*, podendo abrir portas para que o sujeito atribua todo o desagrado ao não-Eu e o prazer àquilo que pretende se unir, introjetar (*vereinigen*) no Eu.

O processo secundário está atrelado às ações realizadas já no primário, como considerou a psicanalista e professora Tânia Coelho dos Santos: “Indiscutivelmente o que Freud entendia por pulsão remete à materialidade da energética no psiquismo” (Coelho Dos Santos, 2013, p. 305). A expulsão (*Ausstossung*) e introjeção (*Vereinigung*) atuam num solo já “fertilizado pela libido e linguagem e sob o signo do amor e do ódio” (Fuks, 2003, p. 8), no qual se encontra a arcaica topografia em que inaugura o Eu e o objeto: tu és o forasteiro e estranho; já o Eu, o semelhante. Em torno dessa dinâmica a psique poderá averiguar seus primeiros limites com os contornos do dentro e do fora, do mundo interno e do mundo externo, em que o ódio atuará em sua face criacionista, pois

o seu comparecimento fornecerá à psique as diferenças e não exclusivamente as igualdades e equivalências.

Para Freud toda e qualquer organização não precede ao nada, mas sim ao caos experimentado com o desamparo (Didier-Weill, 2010), na qual a constituição do sujeito surge como agenciamento para organizar os excessos e as descontinuidades que experimenta. Para que “o mundo possa ser uma aparição” (Didier-Weill, 2010, p. 12), não apenas uma aparência. Em torno da existência do ser e do mundo, o rascunho de alguma diferenciação ajuíza os meandros dentro/fora.

O alcance do secundário, relativo à função do juízo de existência, “tem essencialmente duas decisões a tomar” (Freud, 1925/2011b, p. 278). Por ele, o Eu poderá levantar a questão que permite duvidar se o objeto alucinado pode ser também encontrado do lado de fora, no mundo. Para tanto, ele deverá acolher indicações que, ao admitir novas direções, circunscrevem não apenas um lugar, mas a própria fundação. Dando abertura à marcha das dicotomias, caberá a essa instância voltar sua atenção à percepção recém-chegada, com os mecanismos que fundam o antagonismo entre os circuitos pulsionais. Isso permite localizar no corpo e no mundo algumas fronteiras que se estabelecem com base nos afetos de ódio e amor, ou seja, na expulsão (*Ausstossung*) e na introjeção (*Vereinigung*). Esse ponto destina não uma chegada, mas uma saída da qual o Eu poderá partir para a criação não unicamente do objeto, mas da sua própria existência.

O que participa do secundário

Em *A negação* e em *O Eu e o Isso*, Freud (1925/2011b, 1923/2011a) manteve um diálogo estreito com suas construções elaboradas em seu *Projeto* e sublinhou a base corporal na instalação topográfica do advento dos mecanismos psíquicos fundadores do Eu e do objeto. Nesse ponto, observa-se as zonas ditas orais transcritas no aparelho anímico como atividade e destino, não meras cúmplices da experiência natural das necessidades vitais, mas envoltas nas representações que dão contorno às experiências do próprio corpo com o mundo. Segundo ele,

na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais — os orais — teríamos: “Quero comer”, ou “quero cuspir”; e, numa versão mais geral: “Quero pôr isso dentro de mim” e “retirar de mim”. Ou seja: “Isso deve estar dentro” ou “fora de mim”. O Eu de prazer original quer introjetar tudo o que é bom e excluir o que é mau, como afirmei em outro lugar. Para o Eu, o que é mau e o que é forasteiro, que se acha fora, são idênticos inicialmente. (Freud, 1925/2011b, p. 278)

Freud apurou essa consideração em *A negação*, destacando duas funções das quais o ódio participa por meio de um ato que constitui o regimento da negação, ou recalque originário. Na primeira, é preciso “adjudicar ou recusar a uma coisa” (Freud, 1925/2011b, p. 278); na segunda, deve-se procurá-la no mundo. Convém destacar que essa decisão é orientada no corpo por meio da “extremidade sensorial do aparelho psíquico, nas percepções dos sentidos” (Freud, 1925/2011b, p.

281). À psique caberá atuar de maneira engenhosa, interpretando, traduzindo “a apropriação em algum nível dos elementos experimentados” (Trevisan & Bertoche, 2023, p. 84). Trata-se de um processo em que o “julgar é uma continuação coerente da inclusão no Eu ou expulsão do Eu” (Freud, 1925/2011b, p. 281). Notamos que Freud se refere a uma continuação coerente, ou seja, o juízo de existência ocorre a partir de um trabalho já estabelecido, mas será capaz de alcançar outros trilhamentos.

A questão deixará de ser apenas se algo percebido é acolhido ou expulsado pelo Eu. Nesse momento, a questão será se algo que se encontra no Eu como representação pode ser detectado também na percepção, por meio da atenção. Nas palavras do criador da psicanálise: “é novamente, como se vê, uma questão de exterior e interior”. (Freud, 1925/2011b, p. 279). O ódio se mostra aí, então, como um *continuum* dentro e fora, porém, recalcado, pois tende a expelir para atribuir sua causa ao desconhecido. Ele aparecerá, sobretudo, como uma afetação no próprio sujeito.

Sob o prisma lógico, e não cronológico, o ódio deixa de ser considerado como obra do acaso e passa a ter um lugar, isto é, um lugar que aparece por ora e se estende ao objeto. Vale lembrar que o próprio corpo também pode ser tomado como objeto de ódio (Freud, 1914/2010a), como nos casos das exigências severas do supereu e na melancolia. Do ponto de vista econômico, a ação do Eu irá empreender um trabalho em favor da própria exigência de satisfação, podendo investir o interesse que antes era puramente narcísico e passar a negar a alucinação, passagem para a captura da estranheza do outro (Fuks, 2003). Nesse sentido, o ódio se destaca no território em direção ao objeto, consistindo na realidade do sujeito (Freud, 1923/2011a).

De modo mais direto, o ódio que se endereça ao objeto visa fundar o universo homeostático, afastando a diferença. A diferença retratada aqui indica a presença da alteridade, mencionada por Freud nas questões falocêntricas, em 1913/2012, identificatórias, em 1921/2011c, cuja face repousa na linguagem (Freud, 1925/2011b). É desse ponto do contato com a diferença que podemos progredir na análise do ódio.

O ódio, ação diferenciadora

Avançando sobre a metapsicologia do ódio, os seus mecanismos secundários (Freud, 1925/2011b) se instauram como resposta fundadora da realidade psíquica, levando em conta o caráter estrutural da fabricação da resposta. É fundamental que o Eu incorpore uma posição especial para alcançar o estabelecimento de uma separação do objeto enquanto alteridade (Didier-Weill, 1997). Gostaríamos de sublinhar uma vez mais a importância do ódio como fator original constitutivo na vida anímica desde o processo primário. À luz do que foi examinado, ressaltamos dois tempos: no primeiro, o ódio encontra-se a serviço da própria existência e numa dimensão criacionista, isto é, um guerreiro de Eros a serviço da autoconservação. Já no segundo, que diz respeito à ação do ódio do ponto de vista secundário, seu comparecimento reside na topografia psíquica como mecanismo que fornecerá a distribuição relacional do objeto, que, como efeito, poderá produzir o recalque, renovando

a recusa original, anterior à resposta estruturante conhecida como recalçamento secundário.

Nesse arrolamento, Freud forneceu uma luminosa exposição que esclarece os pontos que repousam nos artifícios de vir a ser do sujeito, em que as ações primárias se acrescentam a uma posição secundária. Ele entendeu que a produção repetitiva da alucinação se manteve a serviço do princípio de prazer, conservando o juízo de atribuição no cumprimento da "oposição entre introjeção e expulsão" (Rudge, 1998, p. 46), o que poderá ser substituído por mecanismos que promove, foraclui ou denega o juízo de existência.

A leitura freudiana (Freud, 1925/2011b) acentua que os processos originários perfazem no campo anímico a ação de incorporar (*Vereinigung*) e expulsar (*Ausstossung*). Trata-se de uma operação em que o prazer, interpretado como belo, bom, é incorporado pelo Eu. O que não englobar essa possibilidade será arremessado para fora; esta seria uma forma de expelir de si mesmo o desprazer; pela via do ódio, o que for interpretado como mau será expulso. Essas ações arranjam as coisas de tal forma que o Eu de prazer atribui o excesso que experimenta na vida e o próprio estado odioso ao externo, tornando-o, assim, diferente, forasteiro. Será a emergência do ódio que comporá os indícios que moldam a expulsão (*Ausstossung*), processo de negatização que abre caminhos para que o sujeito desempenhe uma atitude fundamental, desembocando na sua estruturação de acordo com as variações da negação (*Verneinung, Verwerfung, Verleugnung*), o que virá compor o secundário (Didier-Weill, 1997).

Mediante o que foi produzido no primeiro tempo, demarcam-se as considerações do processo secundário capaz de forjar ou não o pacto do Eu com o juízo de existência. Esse juízo se estende sobre as produções que mantinham a indiferenciação entre percepção e representação para que o Eu opere os registros das representações (como no caso da neurose) não apenas recebendo, mas a partir de agora ajuizando a percepção recém-chegada. Isso leva ao advento do pensamento e da palavra, produzindo a passagem da alucinação à realidade psíquica, isto é, à fantasia. O Eu irá responder a isso valendo-se dos mecanismos psíquicos da negação (Freud, 1925/2011b).

O ponto de partida para a abordagem do processo secundário e das respostas que o sujeito poderá utilizar reside naquilo que Freud (1925/2011b) afirmou ter extraído da escuta psicanalítica: mecanismos tão arcaicos quanto constitutivos, pois a diferenciação entre o Eu e o objeto exige uma posição do sujeito. Sobre essa laboriosa tarefa, destacamos que o processo se inscreve no corpo pulsional — Lacan (1962-1963/2005, p. 242) faz referência a tal ação usando a figura da "libra de carne". Não será o bastante expulsar (*Ausstossung*) atribuindo ao externo o desagrado; isso implica num tipo de trabalho psíquico no qual se forjará um lugar que será necessário que o sujeito assuma.

Contudo, o percurso originalmente traçado pelo movimento da ambivalência incorporar (*Vereinigung*) e expulsar (*Ausstossung*), amar e odiar, pode ensejar os meios para a produção das operações psíquicas que versam sobre a presença e a ausência. Isso fica explícito na observação que Freud (1920/2021) realizou do jogo do *Fort-Da*. A metapsicologia dessas condições destaca um ponto anímico crucial para uma nova partida, já que na concepção freudiana (Freud, 1950[1895]/1996,

2011[1925]) a operação da expulsão (*Ausstossung*) instrumenta a produção do recalçamento originário (Didier-Weill, 1997). Fica ressaltado que a noção de recalque originário consiste em rejeitar, negar a representação repetitiva da alucinação, o que não implica em eliminá-la. Ela é relevante por atravessar a dimensão do ódio rumo à assunção do pensamento e da linguagem. O ódio manifesta o processo de *Ausstossung* num registro que tem todo o valor de descoberta: ele propicia o ato de expulsão que, ao mesmo tempo, separa; dessa forma, faz advir o que se expulsa, mas também o que se torna.

A denegação (*Verneinung*), a forclusão (*Verwerfung*) e a desmentido (*Verleugnung*²), expressões do ódio

Devidamente posicionados pelas articulações precedentes, o ódio passa a ocupar uma função organizadora na produção do sujeito psíquico, uma vez que tais ações se afiguram como saídas constitutivas e, portanto, estruturais (Lacan, 1953-1954/1986). No processo secundário, assim como no processo primário, o ódio opera a favor de Eros, possibilitando a constituição do Eu. Isso, porém, não exclui da formação do Eu a face fraturada da pulsão como o impossível de se satisfazer.

Vale ressaltar que o que Freud (1925/2011b) articulou em *A negação* se refere às possibilidades de três mecanismos psíquicos negativos dentre os quais o sujeito vai utilizar apenas um para fundar a própria realidade psíquica diante do impossível. Em sua metapsicologia, Freud concebeu com o rigor o campo operatório para o acesso ao simbólico (Didier-Weill, 2010); delineiam-se nesse campo as estruturas que podem ou não produzir o atravessamento do juízo de atribuição para o juízo de existência, sendo capital, nesse processo, o símbolo da negação (Freud, 1925/2011b). Caberá ao ódio assegurar a permanência do objeto, seja na imutabilidade da alucinação — trata-se de uma posição primária —, seja nas produções secundárias, ao consentir com a percepção recém-chegada.

Merece destaque que o mestre de Viena (Freud, 1925/2011b) formulou que a fabricação da resposta secundária deságua em um dos três destinos psíquicos estruturais de que o sujeito se utilizará para confrontar a realidade (Aulagnier, 1975/1979), estabelecendo sua posição como ser no mundo. São elas: a resposta que condiz com a neurose, *Verneinung* (denegação), a que constitui a perversão, *Verleugnung* (desmentido), e aquela que estrutura a psicose, *Verwerfung* (forclusão) (Freud, 2011[1925]; Lacan, 1988[1955-56]; Hyppolite, 1998).

Destaca-se das articulações de Didier-Weill e de Jean Hyppolite que, no campo das respostas do sujeito, tanto na *Verneinung* (denegação) como na *Verleugnung* (desmentido) existe uma referência ao “sim”, à *Bejahung* (afirmação). Já a *Verwerfung* (forclusão), que fabrica a estrutura psicótica, não se inscreve no aparelho psíquico referência alguma à afirmação, ou seja, ela estaria no âmbito de um “não” radical (Lacan, 1955-1956/1988; Didier-Weill, 1997, 2010), o que compromete a função do juízo de existência (Rudge, 1998).

Freud utilizou-se do termo *Ananquê* (Freud, 1930/2020, p. 350), para se referir à emergência

da vida em que o sujeito, no caso da neurose, sentir-se-á convocado a assumir uma resposta de "valor positivo no registro da negação" (Kaufmann, 1993/1996, p. 445). Em outros termos, a instalação do pensamento e da linguagem com o juízo de existência que ocorre na neurose será um passo requintado alcançado através dos mecanismos psíquicos da metapsicologia freudiana: *Bejahung* (afirmação) – *Verneinung* (denegação). O neurótico afirma que há a percepção recém-chegada e nega que seja a mesma já produzida pelo aparelho de memória. A *Verneinung* é utilizada como uma resposta que constitui o sujeito ao mesmo tempo em que o expulsa do abismo; ela exprime a expulsão do mistério para a abertura do humano (Didier-Weill, 2010).

Pode-se apurar que, para Freud, o ódio é operador nessa articulação da negação; o sujeito passa a avaliar os contornos do dentro e do fora; ao responder, ele "se enriquece de conteúdos" (Freud, 1925/2011b, p. 278). No campo da neurose, o sujeito se vale dos mecanismos psíquicos: *Bejahung* (afirmação), relativo ao amor, à união, e *Verneinung* (denegação), relativo ao ódio, à separação.

A *Bejahung* corresponde à substituição da unificação (Hyppolite, 1998), um "sim" fundamental que emerge para uma abertura à simbolização e à afirmação da vida (Didier-Weill, 1997, 2010). O Eu responde com um "sim" à diferença do mundo e manifesta simultaneamente um "não" concernente à avaliação de existência, em que a *Verneinung* inaugura "um sinal distintivo" (Freud, 1925/2011b, p. 278). Trata-se de "duas respostas antinômicas e sem dúvida simultâneas: primeiro respondendo um 'sim' em que Freud situa a enigmática *Bejahung* originária através da segunda resposta opondo-lhe um 'não'" (Didier-Weill, 1997, p. 52).

A resposta efetuada com a *Verneinung* estrutura o recalçamento; o seu efeito celebrará a produção odiosa através das ações de expulsar, recalcar, tentar destruir algo já fornecido pelo universo linguageiro, causa de desprazer (Didier-Weill, 1997, 2010). Essa será a sua "libra de carne": o recalque e também o seu retorno (Lacan, 1962-1963/2005, p. 242).

O ódio possibilita uma resposta, ele organiza o excesso com o estabelecimento da denegação (*Verneinung*). Essa denegação é fundadora do processo de vir a ser do neurótico, introduzindo um corte intransponível, um furo, em que simbólico pode ser instalado (ou foracluído, desmentido), e "fechar o que estava infinitamente aberto no primeiro tempo" (Didier-Weill, 2010, p. 41). Nesse caso, o mundo externo,

ao mesmo tempo em que é constituído no exterior, é a referência interna da organização do discurso. Ao contrário do que ocorre na psicose, o significante foracluído não se perde, mas funda o real como o espaço sobre o qual o discurso se apoia. (Rudge, 1998, p. 53).

Das maneiras do sujeito criar seu modo de resposta, a neurose não ocorre sem a distinção da fronteira entre o interno e o externo. Esse rompimento com a indiferenciação primordial conduzirá aos contornos que autenticam o mundo com a *Bejahung* (afirmação) e a *Verneinung* (denegação).

Nesse âmbito, o ódio se afigura como uma *Verneinung*, ele participa de “um não associado a um sim” (Didier-Weill, 1997, p. 298). A denegação efetua a conjuntura do simbólico ao deixar cair *das Ding* para fora; desse movimento originário, surge também o não-Eu (Lacan, 1959-1960/2008).

A ação relativa ao ódio, a *Verneinung* (denegação), cria a antítese, condição para o surgimento do sujeito, que responderá se “o que se acha no Eu como representação pode ser reencontrado também na percepção (realidade)” (Freud, 1925/2011b, p. 279). A *Bejahung* (afirmação) relativa ao amar trata de uma certa admissão para introjetar (*Vereinigung*) a matriz que funda a própria diferença. Ao se afirmar, opera-se a introjeção (*Vereinigung*) das semelhanças como processo próprio da identificação, para consentir, em algum nível, na aparição da Coisa, em que a resposta instala um “sim” fundamental (Lacan, 1959-1960/2008).

Há uma passagem capital da articulação metapsicológica do ódio no processo secundário, já apontada em 1895, mas refinada por Freud com maestria em 1915, quando já estava construída sua segunda tópica, que afirma que o Eu odeia os objetos, não a pulsão. Enquanto a tendência do princípio do prazer é ignorar, o “princípio da realidade está intrinsecamente unido à categoria de diferença” (Aulagnier, 1975/1979, p. 100). Ao ódio concerne a criação do mundo exterior no íntimo do corpo, repercutindo no “símbolo da negação” (*Verneinungssymbols*) (Freud, 1925/2011b, p. 278) como aquilo que será correlativo à expulsão (*Ausstossung*).

O ódio dispõe da produção desse traço particular que marca uma origem, o estabelecimento do juízo de existência no lugar do juízo de atribuição, “o que se é à maneira de não ser” (Hyppolite, 1998, p. 895). Ou seja, no âmbito do processo secundário, o ódio se vincula à aparição do sujeito. “A verdade é que é com o que resta que o sujeito compõe o mundo, e sobretudo que ele se situa dentro, isto é, que ele se arranja para ser aproximadamente o que ele admitiu que ele fosse” (Lacan, 1955-1956/1988, p. 102).

Notas:

1. Este artigo traz parte da pesquisa de mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida realizada entre os anos de 2022 e 2024 sob orientação da Professora Dra. Ana Maria Rudge.
2. Para os termos em alemão, optamos pela tradução de Vera Ribeiro na versão brasileira do livro *Escritos* de Jacques Lacan (1998). Esta referência encontra-se na nota da edição na página 937.

Referências Bibliográficas

- Anzieu, D. (2000). *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo (Trabalho original publicado em 1989).
- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1975).

- Coelho Dos Santos, T. (2013). A psicanálise é uma ciência e o discurso analítico é uma práxis? *Revista Ágora* [On-line], 16(2), 299-312. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/agora/a/WF7HMVZxywJRGwstjDQFGwx/?format=pdf&lang=pt>.
- Didier-Weill, A. (1997). *Os três tempos da lei: O mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Didier-Weill, A. (2010). *Un mystère plus lointain que l'inconscient*. Paris: Editions Aubier.
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In: J. Salomão (Trad.) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. I, p. 333-448). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (2001). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2010a). Introdução ao narcisismo. In: *Sigmund Freud – Obras completas*. (vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010b). Os instintos e seus destinos. In: *Sigmund Freud – Obras completas* (vol. 12, pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2011a). Eu e o Id. In: *Sigmund Freud – Obras completas* (vol. 16, pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011b). A negação. In: *Sigmund Freud – Obras completas* (vol. 16, pp. 275-282). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2011c). Psicologia das massas e análise do Eu. In: *Sigmund Freud – Obras completas* (vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In: *Sigmund Freud – Obras completas*. (vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2016). Os três ensaios da sexualidade. In: *Sigmund Freud – Obras completas*. (vol. 7, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2020). *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2021). *Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips]*. Belo Horizonte. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1920).
- Fuks, B. (2003). *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Coleção Psicanálise Passo a Passo, v. 19).
- Garcia-Roza, L. A. (1986). *Acaso e repetição em psicanálise: Uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Garcia-Roza, L. A. (1995). *Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Garcia-Roza, L. A. (2017) *Introdução à metapsicologia Freudiana, volume 1: sobre as afasias (1891)/ O projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.. (Trabalho original publicado em 1991).

- Hyppolite, J. (1998). Comentário falado sobre a Verneinung. In: J. Lacan. *Escritos* (pp. 893-902). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (Trabalho original publicado em 1993).
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954).
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1998). Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre *Verneinung* de Freud. In *Escritos* (pp. 370-382). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1954).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Mijolla, A. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago.
- Rudge, A. M. (1998). *Pulsão e linguagem: Esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Simanke, R. (2019). Além do bem e do mal: algumas considerações sobre a visão psicanalítica do ódio. *Revista Brasileira de Psicanálise* [On-line], 53(1), 125-148. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Trevisan, A. & Bertoche, D. L. (2023). A metapsicologia da pulsão de apoderamento: Considerações sobre a constituição psíquica. *Revista Humanidades e inovação* [On-line] 10(4), 81-92. Recuperado de <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/8683>.

Citação/Citation: Bertoche, D. L. (mai. 2024 a out. 2024). Estudos da metapsicologia do ódio. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(38), 24-50. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2024v19n38p34-50

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 10/07/2024 / 07/10/2024.

Aceito/ Accepted: 01/11/2024 / 11/01/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.